



Lúcia Maria César Pinheiro Toller

Jovem e com
e fez da dan

Com graça e simpatia ela conquistou o Planalto

Arquivo pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

É praticamente impossível falar da cultura de Brasília sem mencionar o nome desta pioneira que, em plena adolescência, trocou o Rio de Janeiro para ensinar aos candangos os primeiros passos da dança. Bailarina desde os 10 anos de idade, Lúcia Maria César Pinheiro Toller veio com os pais pouco depois da inauguração da nova capital. Jovem, e com um filho para criar, Lúcia fez da dança seu trabalho e um instrumento de integração entre os moradores.

Aos poucos, a pioneira foi se ambientando com o local e descobrindo o charme e a beleza da cidade que se escondia por trás daquela cortina de poeira. "Eu imaginava que isso aqui fosse uma grande metrópole, mas quando cheguei no aeroporto vi apenas as luzes do Eixão, aquele matoto todo ao redor e os redemoinhos que quase levava a gente. Foi aí que me dei conta do que era Brasília", lembra.

O acampamento do Banco do Brasil, na 303 Sul, onde a família foi morar — seu pai era chefe de gabinete do diretor da instituição —, tinha tudo que ela sonhava. Em formato de lâminas, o acampamento oferecia teatro, cinema e salão de jogos. Ali se formaram os primeiros grupos sociais de Brasília. "As pessoas se reuniam para



um bate-papo, se apresentavam e contavam o que os trouxeram para a capital", explica a pioneira.

O espírito de união e solidariedade entre os candangos e a diversidade cultural existente aqui chamou a atenção da dançarina que dividia seu tempo com a educação do filho, o curso normal no Caseb 13, onde fez o 1º grau, e as apresentações na TV Brasília. "A cultura que se formava aqui era interessante, porque cada um trazia de sua região um pouco de seus costumes e suas tradições

como a culinária, a dança e a música".

Freqüentadora assídua do Chevilly, restaurante em estilo alemão, ela guarda na lembrança o traje típico das moças, com aqueles vestidos longos e a música ao vivo. "A gente se sentia na própria Alemanha", afirma Lúcia. Segundo ela, a W3 era um charme, com seus cafés e as boutiques. Bem diferente do centro comercial de hoje. "A fonte luminosa de frente para a Torre de TV, com a água jorrada no ritmo da

música, era o ponto de encontro de muitos casais apaixonados."

A Festas dos Estados era o maior evento cultural de Brasília. Realizada nas entrequadras — nessa época o Teatro Nacional ainda não havia sido construído. A pioneira dançava esbanjando nos pés talento e graça. "A festa era aguardada por todos. Era uma forma de integração e confraternização entre os moradores".

Além de se apresentar aos domingos, na antiga TV Tupi, no Rio de Janeiro, e na TV Brasília, Lúcia

**JK, EM UMA VISITA A
BRASÍLIA DEPOIS DO
EXÍLIO, ASSINA A
SAPATILHA DE LÚCIA
DEPOIS DE UMA
APRESENTAÇÃO NO
CLUBE VIZINHANÇA**

Toller também ensinava a arte da dança aos filhos dos funcionários públicos, enchendo de graça e poesia os salões da capital federal. Ela deu aulas no Banco da Amazônia, no Clube da Vizinhança, no prédio do INPS, no setor de

681

Um filho para criar, a pioneira chegou a Brasília com os pais
 e criou uma forma de integração entre os moradores da cidade

**LÚCIA FEZ DE
 BRASÍLIA A SUA
 CASA E FOI AQUI
 QUE CRIOU OS
 FILHOS E CURTE OS
 NETOS**

Autarquias, na W3 e no Sacré Coeur de Marie, um colégio de freiras. "O colégio não queria me aceitar como professora por ter sido mãe muito cedo e desquitada, apesar de que nessa época eu já estava casada novamente". Com talento e simpatia a jovem dançarina venceu o preconceito e, por meio de um abaixo assinado organizado pelos pais, ela pôde dar aulas no colégio.

As apresentações de balé eram cada vez mais comuns na cidade. Dentre todas as suas apresentações, uma tem um significado especial. Convidada para dançar no Clube Vizinhança pelo então senador Juscelino Kubitschek, que voltava a Brasília depois de anos de exílio, Lúcia se emocionou ao ser cumprimentada pelo ex-presidente. "Ele me perguntou o que poderia fazer por mim. Então eu tirei a sapatilha e pedi a ele que a autografasse", conta. "Ele era muito simpático e pouco tempo depois ele morreu", acrescenta. Segundo a pioneira, Juscelino costumava freqüentar o matine dançante no Hotel Nacional, local onde também eram realizadas as cerimônias glamourosas do Itamaraty. Foi no Hotel Nacional que Lúcia conheceu de perto a rainha da Inglaterra em sua visita a Brasília. "Ela tinha o rosto muito branco e as faces coradinhadas, parecia uma santinha", lembra comovida. Segundo a coreógrafa, era ao redor do Hotel Nacional também que o tricampeão de Fórmula 1, Nelson Piquet, costumava fazer suas corridas de carro, porque o autódromo ainda não existia.

Repressão

Os difíceis anos da ditadura chegaram e a artista sentiu na pele os

efeitos da repressão. "Os militares trouxeram muita aflição. Era como se existisse uma nuvem pesada sobre nossas cabeças. Tínhamos a sensação de medo, censura, mas por incrível que pareça foi nesse período que consegui trazer, com a autorização dos militares, dois integrantes do Bolshoi a Brasília".

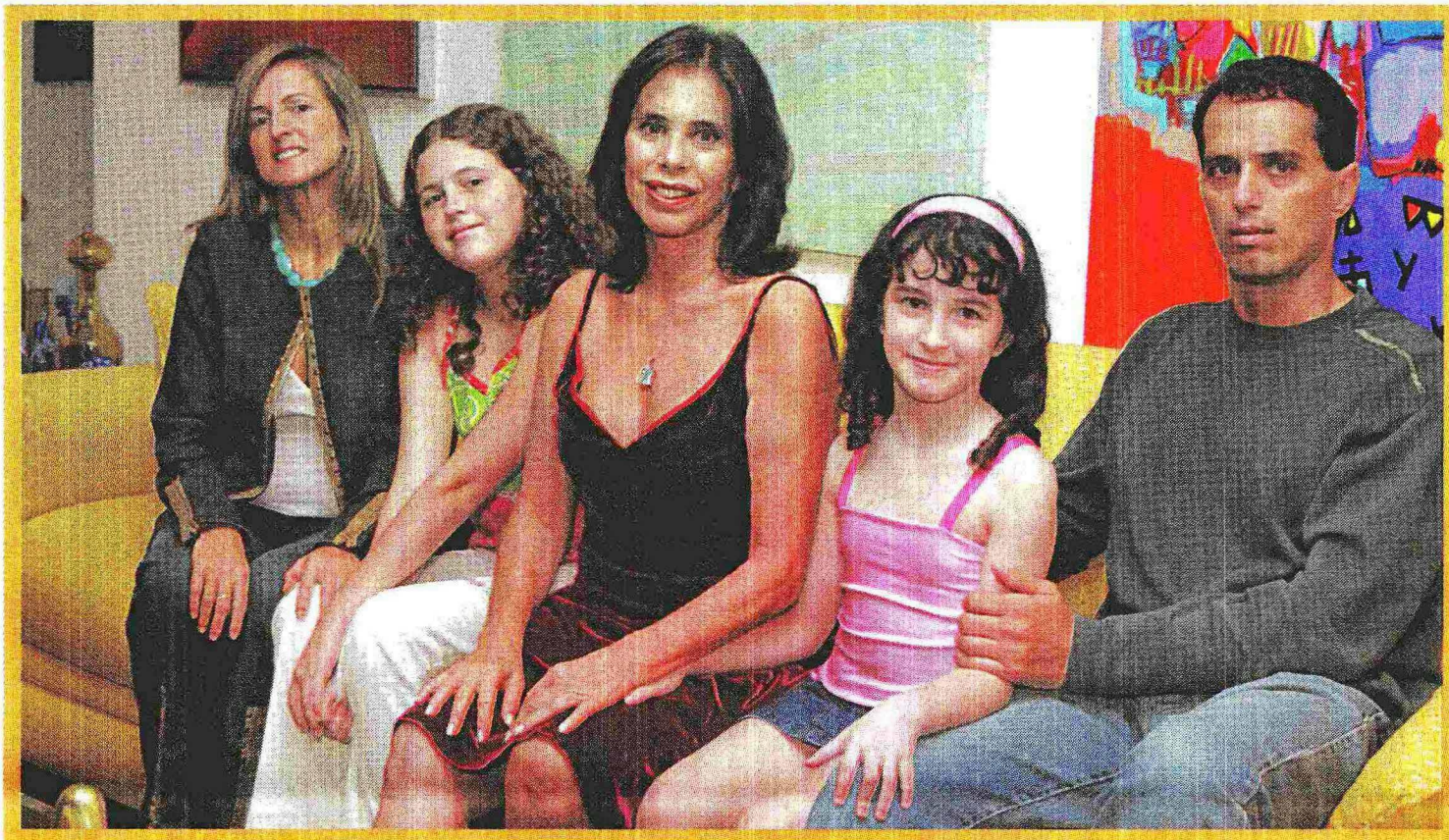
Os representantes do balé mais famoso do mundo — Sulamif Messer e Matirossian — trouxeram um grande impulso para a dança brasileira. "Com um ano morando na cidade, a bailarina russa queria a todo custo renovar o contrato para mais um ano, o que me colocou na saia justa por causa da confiança depositada pelos militares no nosso trabalho". Depois de uma longa conversa com os representantes daquele país, Lúcia entrou em acordo com a bailarina e ela resolveu voltar para a Rússia.

Os espetáculos produzidos anualmente pela dançarina são uma prova de determinação e amor pela cidade. O *Lake in Brasília*, espetáculo de dezembro passado, é uma homenagem ao

“
**A CULTURA QUE
 SE FORMAVA
 AQUI ERA
 INTERESSANTE,
 PORQUE CADA
 UM TRAZIA DE
 SUA REGIÃO UM
 POUCO DE SEUS
 COSTUMES E
 SUAS TRADIÇÕES,
 COMO A
 CULINÁRIA, A
 DANÇA E A
 MÚSICA**”

grande idealizador, Juscelino Kubitschek, inspirado na tese da professora Iara Kern que reconhece a forte semelhança e coincidência entre a história de Brasília e a antiga cidade egípcia de Akhenaton, de onde o presidente teria buscado inspiração para construir a nova capital.

Hoje, a pioneira dedica a maior parte do tempo em sua academia, na Asa Sul, onde produz, ensaia os espetáculos e dá aulas de dança para professores e alunos. Ela é quem coordena a metodologia da Royal Academy of Dance of London, instituição à qual é filiada e cuja patrona é a própria rainha da Inglaterra. Todo ano a academia recebe examinadores ingleses que verificam a aplicação correta da metodologia para a aplicação dos exames. A academia oferece ainda a seus alunos o melhor da dança clássica e moderna, além da dança flamenca, dança de salão e dança do ventre. Em boa forma física, Lúcia dá continuidade ao seu projeto, que é promover a cultura e a integração dos candangos.



Raio X

Nome:
 Lúcia Maria César Pinheiro Toller
Origem:
 Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília:
 1962
Profissão:
 Professora de dança
Estado civil:
 Viúva
Filhos:
 Filipe, Sérgio e Alexander
Netos:
 Maria Emanuela, Filipe e Letícia
Alguns espetáculos:
 Lake in Brasília; Sweet Quebra-Nozes na Broadway; Cinderela no século XXI; Paqueta; Concertango; Sinfonia em D e Círculos de Pedra